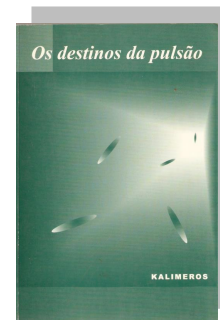


Algumas considerações sobre o amor, a paixão e o afeto



[Clique aqui para ampliar](#)

Referência:

VIEIRA, M. A. . Algumas considerações sobre o amor, a paixão e o afeto. In: Ribeiro, M. A.; Motta, M.. (Org.). Os destinos da pulsão. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1997, v. , p. 131-144.

Marcus André Vieira

"O amor é apaixonante".¹ Com esta fórmula Lacan empreende em 1974 um deslocamento. O amor passa de predicado a sujeito. Ele não é mais a paixão, ele a desperta. Gostaria de examinar a relação do amor com a paixão, por um lado, e com o afeto, por outro para demonstrar que esta fórmula traduz, um ano após *Mais, ainda*, a grande revolução teórica ocorrida neste seminário com relação ao amor. Este passa a ser tomado menos pela sua vertente de fascinação imaginária e mais pelo que introduz de um certo real. Acredito que poderemos, a partir daí, reunir elementos necessários para situar a pulsão com relação ao amor, o que não é explicitamente realizado por Lacan neste seminário, e que nos permitiria interrogar a sublimação.

Antes de entrarmos na questão, situemos o problema ao qual a abordagem do amor pelo prisma do real vem responder. Trata-se de uma dificuldade instaurada a partir da relativa dissociação, empreendida por Freud², entre a vida sexual e a vida amorosa e que enuncia-se da seguinte maneira. A partir da clivagem do objeto em objeto de desejo e objeto de amor - impasse do homem perdido entre a prostituta e a santa, não conseguindo desejar a mulher que ama e amar a mulher que deseja -, a questão se coloca: esta clivagem não implica em dissociar o amor do circuito da pulsão e do objeto? A independência do amor da esfera pulsional é algo dificilmente sustentável, mas temos aí uma aparente oposição entre o amor, sempre totalizante, e a pulsão, sempre parcial.

Freud respondeu a esta questão com o narcisismo. Em "Para introduzir o narcisismo" ele situa **primeiramente que ama-se a si nos outros e em seguida que** o eu é um objeto como os outros, por isto ele está também implicado no circuito pulsional. Lacan situou-o com detalhe a partir de seus desenvolvimentos sobre o eu como imagem especular de unidade. Mas é justamente graças à leitura de Lacan que percebemos com clareza que o amor, no nível do narcisismo, não é a simples fascinação imaginária, pois esta não é suficiente para dar conta daquilo que no amor visa um mais-além do espelho.

Desde o seminário sobre os escritos técnicos de Freud, Lacan teoriza este "mais-além", cunhando, neste seminário, a expressão *paixão do ser* para situá-lo. Neste universo fascinante do amor, Lacan insiste na subordinação da captação imaginária, da *Verliebheit*, ao saber, afirmando que a paixão de Werther, mesmo se seu desencadeamento é estreitamente associado à visão de Lotte com uma criança nos braços, sustenta-se em uma trama significativa. Os efeitos desta paixão recebem suas coordenadas desta trama e ganham sentido a partir dela ("Aprendam a distinguir o amor como paixão imaginária do dom ativo no qual ele se constitui no plano simbólico").³

Com a teorização progressiva do gozo, a partir do seminário sobre a ética, e com a retomada da pulsão, a partir do seminário sobre os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Lacan constitui os instrumentos necessários para realizar o aparelhamento do amor ao real, que será formalizado de maneira conclusiva em *Mais, ainda*. Entretanto, o termo pulsão encontra-se praticamente ausente deste seminário e é preciso um esforço suplementar para situar a sublimação, que faz par com a pulsão, neste contexto. Como retomar a teorização da sublimação empreendida no *Seminário VII*, assim como a pulsão tal como Lacan a teoriza no *Seminário XI*, a partir de suas considerações sobre o amor em *Mais, ainda?*

Torna-se evidente que só poderemos, dentro dos limites deste trabalho, interrogar alguns pontos desta vasta questão, vislumbrando algumas de suas vias de acesso, que são, por si só, de uma abordagem difícil devido à complexidade e à magnitude do tema. Utilizaremos então uma chave de leitura: a oposição *paixão vs. afeto*, pois o amor, tanto para Lacan quanto para Freud, é uma paixão e não um afeto. Retomemos então a paixão amorosa no que ela se distingue do afeto para esboçar, dentro dos limites impostos por esta chave, alguns elementos com relação aos pontos de contato e de separação entre o amor, a pulsão, o gozo, e a sublimação.

O afeto, pulsão e gozo

Podemos afirmar, como primeira aproximação, que o afeto é associado por Freud à pulsão e podemos mesmo supor que o afeto para o Freud dos primeiros escritos seria o nome do real, do trauma de uma energia não descarregável, do qual se destacará mais tarde a pulsão. Deixemos de lado, entretanto, esta primeira concepção do afeto em Freud e examinemos dois momentos onde Freud define o afeto com relação à pulsão. O primeiro consiste em seus textos metapsicológicos de 1915. Freud fornece-nos aí a definição de afeto mais difundida na literatura psicanalítica, encontrada, por exemplo, no dicionário de Laplanche e Pontalis.⁴ O afeto é apreendido de um ponto de vista econômico, definindo-se como o caráter subjetivo da descarga de uma quantidade determinada de energia pulsional acumulada. Ele ficará associado à noção de descarga, de movimento e de energia acumulada,

sendo tido como um fenômeno da esfera psicofisiológica, que nasce e se realiza no real do corpo, tendo a consciência como centro.

O segundo momento é *Inibição, sintoma e angústia*. Neste texto, a angústia como afeto básico não terá mais a noção de descarga como traço constitutivo fundamental, mas sim a de sinal do eu com relação a um perigo interno que se liga a uma perda associada à castração. A angústia-sinal é agora a recriação de uma situação traumática mítica, definida como afluxo de "estímulos" e de idéias insuportavelmente desagradáveis porque não podem ser "dominadas psiquicamente"⁵. A relação do afeto com a pulsão deixa de ser decisiva. O fato que os dois possam ser descritos como metáforas energéticas passa para um segundo plano pois o que interessa é a angústia como re-criação do trauma fundamental, instaurando a castração como condição estrutural para o fala-ser.

Resumindo as duas concepções de afeto em suas relações com a pulsão temos então:

1. Um processo psicofisiológico de descarga, um extra energético que tem sua origem no corpo, **concebido como um corpo real, biológico, de onde se origina a pulsão.**

2. Uma reação do sujeito à castração, um processo simbólico exterior ao campo **biológico-corporal, que só se inscreve em uma causalidade fisiológica** às custas de modificações redutoras, pois define-se aqui a partir da relação do sujeito com uma perda.

O percurso de Freud indica que a concepção explícita em **1** deve ser lida a partir de **2**. Ao procedermos deste modo desvela-se a noção de um extra energético que é também uma perda, ou que está articulado a uma perda fundamental. Tanto o afeto quanto a pulsão vão ser compreendidos com relação a este excesso que, como vimos, não tem nenhuma conotação fisiológica ou energética e que associa-se à falta fundamental. Um dos esforços maiores de Lacan foi traduzir conceitualmente esta noção de "excesso de uma falta" através do conceito de gozo. Este, traduz o que da negatividade fundamental do homem aparece (porque coberto pelo simbólico) como um excesso, um "em demasia". Ele distingue-se do prazer, e sua definição só pode ser negativa: ele é aquilo que "não serve para nada"⁶, que não tem existência no mundo do significante, pois foi expulso quando da instauração do simbólico. Ele se situa antes da instauração do simbólico, que constitui a distinção entre corpo e alma.

(invertido) Em **1** inscreve-se a concepção platônica, evidente em São Tomás de Aquino assim como em Descartes. Ela comporta um conflito entre corpo e alma, ou seja, entre um sujeito não dividido (que constituirá o sujeito da ciência) e seu corpo - fonte de todas as paixões - que deve ser colocado sob o domínio da razão. Para Freud não há uma oposição entre afetos e razão, ou entre pulsão e razão. **A indicação freudiana de que a pulsão está entre somático e psíquico, sugere que ela está além/aquém desta oposição e não em uma posição híbrida no interior dela.**

O gozo e a ética do Bem-dizer

Compreende-se então a aparente contradição do texto freudiano na medida em que se observa que Freud, movendo-se dentro de um paradigma "cartesiano", **claramente reivindicado em 1, em sua *Metapsicologia***, tentava dar conta de uma realidade clínica que explora os próprios limites deste paradigma. Desta forma, ele o transcende ao menos em parte, ao instituir a noção de uma situação traumática mítica na origem da angústia e ao mesmo tempo na origem do sujeito. Este traumatismo fundamental constitui-se, segundo Lacan, com a instauração da ordem significante, correspondendo ao momento que precede logicamente a entrada do sujeito no simbólico. A angústia será então, dentre todos, o afeto primordial, por ser aquele que revive esta situação básica de desamparo, de gozo.

Entramos então em uma área bastante semelhante à da angústia heideggeriana como manifestação da verdade do ser-para-a-morte. Mas, para Lacan, o que se coloca diante da angústia, descrito por Heidegger⁷ como o ser-no-mundo enquanto tal e que deve ser considerado como um ente não intrínseco ao mundo, será nomeado: trata-se do objeto *a*. A angústia, deste modo, revive o horror do real sinalizando a aproximação de *a*, o momento em que o Outro aparece sem a falta, completado por este objeto. Isto acarreta uma dessubjetivação assustadora, já que era o desejo do Outro que sustentava o sujeito⁸. Os outros afetos expressam os diferentes modos dessa posição do sujeito no campo do Outro, entretanto o sujeito será nestes casos sempre menos esvanecente e o Real menos presente. A noção da angústia como ação do ego, tão realçada pela escola americana, é relida assim como efeito no eu da relação do sujeito ao significante. É este efeito que constituirá o afeto.

Temos então que as diferentes formas deste **efeito**, deste gozo, se farão na dependência das diferentes faces do Outro e do objeto. Com estas três noções: gozo, Outro e objeto *a*, podemos tentar distinguir - um pouco esquematicamente é verdade pois estamos nos referindo ao ponto de fundação do sujeito a partir da separação entre o Outro e o objeto - o campo pulsional, a esfera do amor, e o afeto.

Falta-nos entretanto uma última noção fundamental, a ética. Há em Freud uma exigência ética, situada por Lacan, que se transporta, assim como em Spinoza, para a esfera dos sentimentos, implicando-se, desta forma, o sujeito naquilo que ele experimenta como vindo (aparentemente) do corpo. Podemos melhor situar esta ética cotejando afeto e pulsão. O afeto compreende-se a partir de uma certa ética, a pulsão demonstra aquilo que funda a obrigação desta ética. É porque somos seres sexuados que devemos nos colocar com relação a isso (e ao isso) e tentar, com o significante, dar conta do impossível da sexualidade humana. A existência da pulsão demonstra que é no real do sexual que se funda a tentativa do bem dizer, obrigatória para o ser humano. É porque a sexualidade humana é falha, que se introduz o simbólico, mas (invertendo-se os fatores da equação) o simbólico não é completo - ele é falho - porque o real do sexual ex-siste, insistindo exterior ao campo da linguagem.

Para o sujeito a-sexuado, tentar dizer o real do ser, integrando o impossível ao saber, é buscar reunir as pulsões parciais num feixe mais ou menos organizado. Isto só é conseguido a partir do simbólico e da objetivação da pulsão nos orifícios do corpo, perdendo-se ao mesmo tempo a possibilidade de se recuperar uma pulsão una e totalizante equivalente ao instinto. Paga-se assim o preço de se ter perdido o real do sexo, sendo-se obrigado a tentar eternamente preencher este furo, sem perceber-se que é esta operação que o constitui como furo. Das possíveis variações deste procedimento surgem os diversos afetos.

Podemos situar agora, ainda que toscamente, a ética do Bem-dizer pois compreendemos que ela exige que a condição falha do homem seja a medida de sua ação. Em outras palavras, deve-se inscrever o Real a partir do Simbólico, numa tentativa (e apenas tentativa) de dizer o impossível, dizer a falta essencial, de circunscrevê-la sem velá-la. Trata-se, por exemplo de "harmonizar o significante e o gozo e colocá-los em ressonância".⁹ É a partir desta exortação que compreendemos a concepção lacaniana da tristeza como um erro moral, um pecado. **O pecado corresponde a afastar o real, buscando tirá-lo da partida.** Paga-se com tristeza o preço de se inscrever no Outro a partir de uma ilusão de onipotência do saber, onde supõe-se o **apagamento** da carência original.¹⁰

O amor e o pecado

Vejamos agora como o amor insere-se nesta ética. Formulemos inicialmente esta exortação ética da psicanálise de outra maneira. Circunscrever esta impossibilidade do significante em dizer o real implica em abrir-se à contingência radical deste último, sempre fora da previsibilidade das determinações simbólicas. Isto equivale a libertar-se dos grilhões da imaginação do saber e a deslocar-se no regime do encontro, do contingente. A partir destas balizas percebemos que o amor trilha o caminho do pecado, pois, enquanto mito platônico do Um, ele visa negar a falta estrutural através do reencontro definitivo da cara metade.

Até aqui nenhuma novidade. Entretanto, a partir de *Mais, ainda*, Lacan indica que o amor não é somente fuga do real, situando-o da seguinte maneira: "o deslocamento da negação do *cessa de não se escrever* ao *não cessa de se escrever*, da contingência à necessidade, é o ponto de suspensão ao qual se vincula todo amor".¹¹

Uma oscilação análoga ao balanço entre a ética da psicanálise e a pulsão será aqui instituída. O amor é a miragem de uma relação sexual possível, estabelecida a partir de um encontro contingente. Ele tenta fazer deste contingente um necessário. Não é nada além de um sonho acreditar que neste encontro exista a mínima permanência, mas neste sonho funda-se o amor que, por sua vez, garante ao sonho sua perenidade por criar condições propícias ao encontro.¹²

Podemos distinguir então paixões do ser e afeto porque este último, apesar de também circunscrever um certo gozo, não é encontro. As passagens de Lacan quanto a

tristeza e a cólera são bastante claras a este respeito.¹³ O amor funda o mito do Um por conduzir, ainda que acidentalmente, ao encontro. É o que vem indicar Lacan quando afirma que o amor é apaixonante. Ele é captação imaginária mas é também realização pulsional. O afeto, por sua vez, é apenas pecado por vincular-se a um Outro consistente. No afeto há apenas evitação do real, pois ele articula-se menos ao corpo do Outro, e ao objeto que lhe falta, que ao sentimento de um Outro (sen)tido como capaz de tudo situar.

A tristeza, como afeto paradigmático, é pecado porque afasta o encontro. Para o deprimido, nenhum sentido e nenhum objeto parece compensar a certeza imaginária da falta de sentido na vida, mas se nada me satisfaz é porque já me satisfiz com um sentido maior que completa o Outro: a vida não tem sentido. A tristeza vem ao corpo como efeito deste des-encontro e o mesmo é válido para a alegria. Nesta, a vida é cheia de sentido e o Outro tem todas as respostas.

Resumindo: o pecado, "original como todos sabem",¹⁴ formula-se como 'o Outro é Um'. O amor está no ponto do narcisismo onde 'o Outro é Um' enuncia-se como 'o Outro é eu' (onde este eu é um objeto) e desta forma, levando à copulação, ele dá existência ao pecado porque ele é também encontro com o corpo do Outro. Ele funda a miragem do Um justamente por causa do gozo aí obtido. É o que justifica a fórmula 'há Um' de Lacan. Ele não se sobrepõe inteiramente ao pecado porque ele é também realização pulsional. O amor é a realização do mito de Eros e, por isso, o amor é agente e não paciente, ele é apaixonante e não só paixão. A tristeza, também inscrita no campo do pecado, desobjetaliza o gozo, escorado no sentido, o que afasta o corpo do Outro ao invés de tocá-lo.

A paixão, o afeto e sublimação

Podemos retomar estas considerações a partir das indicações de Lacan neste seminário quanto ao sujeito suposto saber. A paixão situa-se no campo imaginário de uma suposição de saber no Outro: 'Eu amo aquele no qual suponho um saber'¹⁵. Obtém-se então um certo gozo e não um saber, o que eterniza a busca de um saber capaz de dizer este gozo. A partir de **I** busca-se **S** e encontra-se **R**. O afeto situa-se no mesmo campo mas repousa sobre uma articulação distinta. 'Eu sou afetado quando obtenho um saber', é o que poderíamos contrapor, no nível do afeto, à máxima lacaniana do amor, citada acima. Uma vez que o afeto é entendido como algo que vem ao corpo afetado pelo significante, podemos dizer que a partir de **I** encontra-se **S** e oculta-se **R** na agitação de um corpo afetado.

Esta distinção fundamental aparece de maneira conclusiva com relação ao objeto **a**. O amor e o ódio estão no ponto inaugural, imediatamente após a angústia, onde o objeto se materializa. *Amoródio* é o nome do ponto onde o objeto se constitui como destacado pelo circuito da pulsão. A partir daí temos uma bifurcação que cinde a vida sexual, de um lado, e a vida afetiva, de outro. Por um lado, o objeto vai consistir em fragmentos do corpo do Outro que se unificarão, por vezes, na miragem do Um; Um outro corpo, um outro sexo, uma cara

metade. Por outro lado, o objeto vai se descorporificar e se simbolizar progressivamente, fazendo surgir os demais afetos na dependência da relação do sujeito com este Outro **do sentido**. O mito do Um destaca-se neste nível, ao menos parcialmente, da satisfação pulsional e toma as formas afetivas disponíveis no imaginário de uma cultura.¹⁶

Na angústia o objeto aparece como real. Nas paixões do ser, temos **a** como imaginário, miragem de Um, sendo que este Um pode aparecer como 'Um (outro) corpo' (imaginarização do real), onde a posse ou a falta vão inscrever-se como amor ou ódio ou, como no caso dos afetos, como 'Um sentido', onde a posse ou a falta vão aparecer de modo **dessexualizado** enquanto alegria ('a vida faz sentido') ou tristeza ('a vida não tem sentido').¹⁷

Para concluir, podemos nos perguntar se não poderíamos tentar situar a sublimação a partir destas colocações. Na via da paixão e do afeto dilui-se o objeto, seja no corpo do Outro, seja nos sentidos que ele assume, afastando-se da (in)satisfação pulsional objetualizada. Com a sublimação, descolamo-nos também do objeto enquanto objeto de satisfação, mas seguimos uma outra via, pois ele é tomado, de saída, pelo seu viés não especular. Enquanto a paixão pode ser situada a partir da cobertura de **a** por uma roupagem imaginária, **i(a)**, a sublimação passa por sua materialização através de sua "construção", onde **a** vem a ser, ao mesmo tempo, um objeto e uma obra. Esta outra via, apesar de partir do mesmo ponto, vai constituir um caminho de paixões desencarnadas pela criação do objeto a partir do nada, já que ele é, segundo esta via, nada. Aproximamo-nos assim das colocações de Lacan **a esse respeito** no *Seminário* sobre a ética a partir de Heidegger. Concebe-se a sublimação como uma maneira de fazer o objeto passar do extra-mundo ao mundo dos existentes. O ato do artesão que, ao criar o vaso, cria o vazio em seu interior, aproxima-se do que faz a sublimação e aponta para a satisfação (**dessexualizada**) aí obtida por percorrer, materializando, os contornos do objeto.

Vemos então que o percurso da análise não conduz à sublimação, como tantos já insinuaram. A análise se desenvolve na passagem da crença inicial de 'o que falta é algo de um saber' para a experiência de 'o que falta está fora do significante' (**a**). Neste percurso, a paixão, pilar da transferência, entra como esta busca de saber enquanto que o afeto sinaliza os ganhos de saber do percurso. O caminho da análise conduz a deixar o plano onde este saber se revela eternamente impotente e a percorrer os caminhos de sua impossibilidade de dizer o real. Deste modo a análise, ao invés de materializar o objeto como faz a sublimação, traça seus contornos sem dar-lhe existência, conduzindo a efeitos singulares na esfera afetiva: um novo amor, feito de contingência e de finitude no nível das paixões; entusiasmo e gaio saber no nível dos afetos; o primeiro associado ao vislumbre da inconsistência dos grilhões do ser, e o segundo como um saber leve, que faz destes grilhões amarras para articular gozo e deciframento, lugar de onde o analista persiste causando desejo.

¹ Cf. Lacan, J. *Le Séminaire, Livre XXI* (Les noms dupes errrent), 1973/74 (inédito), seção de 12/3/74.

² Em um artigo fundamental como "Pulsões e destinos das pulsões", por exemplo, as questões do amor e da sexualidade recebem tratamentos diferenciados, sendo teorizadas separadamente. Cf. Freud, 1915, p. 154. Cf. também, "Sobre a psicologia do amor", ESB??

³ Lacan, J. *Le Séminaire, Livre I, (Les écrits techniques de Freud)*, 1953/54, Paris, Seuil, 1975, p. 304.

⁴ Cf. p. ex. o verbete afeto em Laplanche, J. e Pontalis J. B. , *Vocabulário de psicanálise*, Martins Fontes, São Paulo, 1986.

⁵ Freud, S. *ESB*, vol. XX, p. 161.

⁶ Lacan, J. *Le Séminaire, Livre XX*, Paris, Seuil, 1975, p. 10.

⁷ Heidegger, M. *Etre et temps*, Paris, Gallimard, 1976, p. 235 e p. 186.

⁸ Ilustremos este ponto através do enunciado infantil proposto por Lacan: "é impossível que um ser amado não tenha falo. Existem seres vivos, mamãe por exemplo, que não têm falo, então não existem seres vivos - donde a angústia" (Lacan, J. *Le Séminaire, Livre X, - L'Angoisse -*, 1963/64, inédito, sessão de 19/12/62).

⁹ Miller, J.-A., "A propos des affects dans l'expérience analytique", *Actes de l'ECF*, vol. X, 1986.

¹⁰ Lacan, J. *Télévision*, Paris, Seuil, 1974, p. 39.

¹¹ Lacan, J. *Le Séminaire, Livre XX (Encore)*, Paris, Seuil, 1972, p. 132.

¹² Aliás, se este sonho dura, temos a angústia. O que explica porque estas paixões do ser são tão facilmente mutáveis em angústia.

¹³ Cf. p. ex. Lacan, J. *Le Séminaire, Livre VII (L'éthique de la psychanalyse)*, 1959/60, Paris, Seuil, 1986, p. 123

¹⁴ Lacan, J. *Télévision*, Paris, Seuil, 1974, p. 39.

¹⁵ Lacan, J. *Le Séminaire, Livre XX (Encore)*, Paris, Seuil, 1972, p. 64.

¹⁶ Trataremos aqui apenas da tristeza e da alegria, mas outros afetos poderiam ser inseridos neste campo. Para citar apenas os afetos trabalhados por Lacan poderíamos mencionar: cólera, vergonha, covardia, medo, pena, raiva, e outros. Cf. quanto a este ponto Vieira, M. A., "L'éthique de la passion", Tese de doutorado do departamento de psicanálise de Paris VIII, 1996.

¹⁷ Não poderemos abordar aqui a paixão da ignorância, mas a questão se coloca: seriam os afetos possibilidades de inserção na via da paixão da ignorância ou estes constituem-se em um registro a parte? Cf. quanto a este ponto Vieira, M. A. "La pasión de l'ignorancia, entre el saber y el sentido", *Uno por Uno*, nº 44, 1997.



Copyright © 1997, Kalimeros

Organização Geral
 Maria Anita Carneiro Ribeiro
 Manoel Barros da Motta

Conselho Editorial
 Antonio Quinet
 Eliane Schermann
 Maria Elisa Monteiro

Projeto Gráfico e Preparação
 Contra Capa

Os destinos da pulsão: sintoma e sublimação / Kalimeros - Escola Brasileira de Psicanálise - Rio de Janeiro, Maria Anita Carneiro Ribeiro e Manoel Barros da Motta (Orgs.) - Rio de Janeiro. Contra Capa Livraria, 1997.

364 p.; 14 x 21 cm

ISBN 85-86011-07-X

I. Psicanálise. 2. Sublimação. 3. Sintoma. I. Carneiro Ribeiro, Maria Anita, org. II. Motta, Manoel Barros da, org. III. Kalimeros. Escola Brasileira de Psicanálise. IV. Título.

CDD 150.195

1997

Todos os direitos desta edição reservados à
Contra Capa Livraria Ltda.
 <ccapa@easynet.com.br>
 Rua Barata Ribeiro, 370 — Loja 208
 22040-000 — Rio de Janeiro — RJ
 Tel (55 21) 236-1999
 Fax (55 21) 256-0526

SUMÁRIO

Apresentação 09
 Maria Anita Carneiro Ribeiro

A pulsão e seus destinos — parte um

A transmissão na psicanálise e o saber na prática do tratamento 19
 François Leguil

A pulsão e seus destinos 43
 Maria Anita Carneiro Ribeiro

Um conceito arquimediano: a pulsão na orientação lacaniana 59
 Manoel Barros da Motta

Zwang und Trieb — sintoma obsessivo, com-pulsão à repetição 67
 Antonio Quinet

O poeta do ato 79
 Eliane Schermann

Sintoma, fantasia e pulsão 89
 Elisa Monteiro

Análise — um percurso 101
 Elizabeth da Rocha Miranda

Do sintoma ao traço 105
 Daniela Scheinkman

O sintoma como metáfora 111
 Sílvia Elena Tendlarx

Algumas considerações sobre o amor, a paixão e o afeto 131
 Marcus André Vieira